

Uma tragédia sonora a cada espetáculo

Criada a partir das “sobras” do Teatro Nacional, a sala Alberto Nepomuceno tem o dom de juntar, no mesmo palco, William Shakespeare e Evandro Mesquita

Cynara Menezes

Quarta cena. Macbeth, atormentado pela dúvida, volta-se para lady Macbeth: “E se fracassarmos?” Ela, convicta de que é preciso assassinar o rei, não hesita: “Fracassarmos? Aperta tua coragem até o ponto em que fique bem tensa que não fracassaremos”. Nesse instante, irrompe a trilha sonora: “Vem, vem dançar, a música não vai parar”, na voz rocker de Evandro Mesquita, ex-Blitz. Macbeth e lady Macbeth disfarçam. A platéia não entende patavinas.

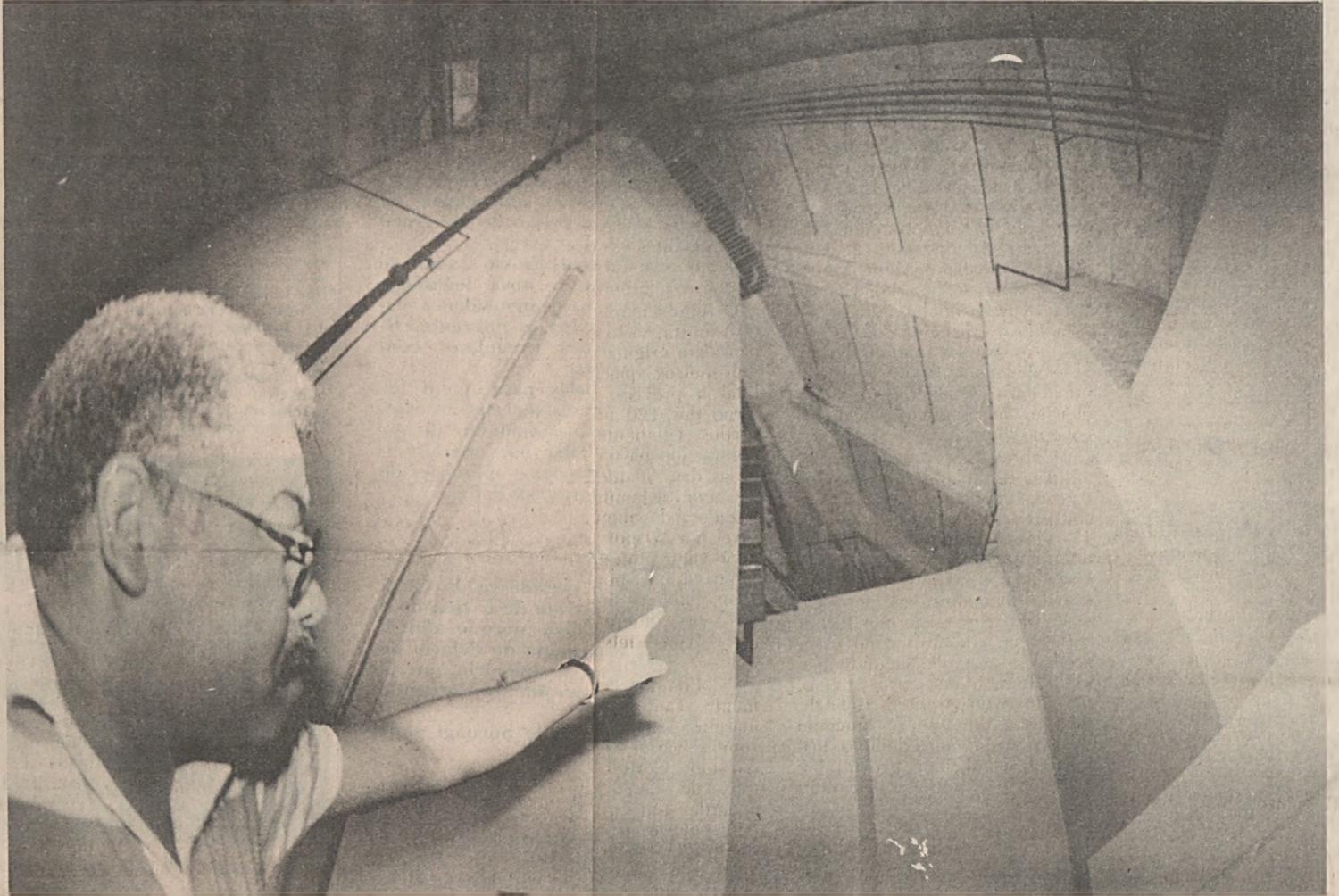
Seria cômico se não fosse trágico: o fato é que o vazamento de som entre as salas Alberto Nepomuceno e a Villa-Lobos está fazendo o teatro de Brasília virar motivo de galhofa. No dia 27 de julho, a sexta-feira de estréia de *Macbeth mauser*, adaptação do clássico de William Shakespeare, a peça foi brindada com um toque pós-moderno à moda do samba do crioulo doido. O espetáculo dos irmãos Guimarães não foi o primeiro e certamente não será o último. O que fazer? A discussão está na mesa: fecha-se a Alberto Nepomuceno à apresentação de espetáculos teatrais? Ou se levanta uma parede isolando as duas salas?

Um vão — O ex-secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, Wladimir Murtinho, responsável pela reconstrução do Teatro Nacional, no final dos anos 70, acha que o melhor caminho passa mesmo pela limitação da sala a exibições de vídeo, pequenos concertos e conferências. “A sala não foi criada para apresentações de teatro”, diz Murtinho. “Era apenas um vão, um pequeno espaço que sobrou e que sequer constava do projeto inicial”, justifica. Melhor que o levantamento de uma parede, para ele, é a recuperação de espaços como os do Teatro da Escola-Parque e do Centro Cultural da 508 Sul (Galpão e Galpãozinho).

Não compartilham da mesma opinião do ex-secretário aqueles que fazem o teatro da capital. Fernando Guimarães, que dirige com o irmão, Adriano, justamente a última vítima do vazamento de som — *Macbeth* — defende que a Alberto Nepomuceno, com seus 90 lugares, é “ideal” para pequenos espetáculos como o dele. “Eu já sabia que havia o vazamento, não fui enganado, mas acho que está mais do que na hora de encontrar uma solução para isso”, opina. No dia da estréia, para manter a atenção do público em *Macbeth mauser*, Fernando Guimarães teve que pôr a todo o volume o réquiem de Brahms, a trilha original, numa tentativa de abafar os acordes do ex-vocalista da Blitz.

O diretor Plínio Mósca adota um certo tom irônico para falar do assunto. Mósca foi o primeiro a utilizar a sala Alberto Nepomuceno como sala de espetáculo, em 1985, com *O poeta é um fingidor*, de Fernando Pessoa, e desde então, conta, tem vivido “muitas emoções sempre que se apresenta ali. *Situações Embarçosas*, em seu mês e meio em cartaz na sala, “teve a honra” de ter como realizadores

WANDERLEY POZZEMBOM



Juracy dos Santos, funcionário da Fundação, mostra o “buraco” no teto da entrada de serviço por onde vaza o som

O som da discussão

FOTOS: ARQUIVO



A solução não é levantar uma parede. A solução está na recuperação da 508 Sul

Wladimir Murtinho



Quando tem invasão sonora eu passo a falar mais alto e mais rápido para disfarçar

André Amaro



O Teatro Municipal foi feito para a ópera e já teve até baile de carnaval

Plínio Mósca

Vistoria e soluções

O técnico de som Andy Costa, do Zen Studio, acompanhou a reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** a uma vistoria à sala Alberto Nepomuceno. As primeiras impressões do técnico sobre as soluções para o vazamento de som foram as seguintes:

■ Seria preciso construir não uma, mas três paredes com portas acústicas no corredor interno que dá acesso aos camarins da sala pelos fundos. Estas paredes teriam que ser levantadas com tijolos de concreto de 30cm preenchidos com sacos de areia. As portas seriam feitas com quatro folhas de compensado de 20mm prensadas e com encaixes de borracha.

■ Uma outra porta acústica teria que ser colocada entre a escada que dá acesso aos camarins e ao palco.

■ Seria necessário também fechar o teto da entrada de serviço, atrás do palco da Villa-Lobos, onde existe uma abertura, com outra parede reforçada.

É importante esclarecer que esta avaliação foi feita sem acesso às plantas do local. Se, por exemplo, o problema estiver na ventilação do Teatro, a reforma teria que ser completamente diferente, e, sem dúvida, muito mais cara. (Cynara Menezes)

da trilha sonora, entre outros, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional e os músicos da novela *Pantanal*. Em um de seus espetáculos — não lembra qual — Mósca quase foi às “vias de fato” com um maestro alemão que insistia em ensaiar os músicos no exato momento da apresentação de sua peça.

O diretor reconhece que a sala não foi planejada para apresentações teatrais. “Mas se é utilizada assim, que seja da melhor forma”, argumenta. “Final, o Teatro Municipal do Rio foi feito para ópera e já teve até baile de carnaval”. Plínio Mósca diz que não só a parede com isolamento acústico deveria ter sido construída, como outros problemas já deveriam ter sido solucionados: os chuveiros quebrados nos camarins e a escada escura e sem segurança que faz a ligação com o palco são alguns exemplos.

Dinheiro — E se os diretores se chateiam com o vazamento de som, mais irritados ficam os atores sobre o palco. André Amaro, que esteve recentemente em *Morte Sobre a Lama*, com direção de Ricardo Torres, e também em *Situações Embarçosas*, de Mósca, fala que é preciso ter um controle muito grande em cena para manter o público atento. Amaro lança mão da técnica: “Eu passo a falar mais alto e mais rápido para disfarçar”, diz. “Sei que a solução para isso requer dinheiro, mas é inadmissível que continue assim porque é uma questão de prestigiar o pessoal do teatro de Brasília, que é quem mais utiliza a sala”, justifica.

André Amaro está certo. É justamente na questão **dinheiro** que se apegam a Secretaria da Cultura para explicar por que ainda não se construiu uma parede entre as duas salas. Segundo o secretário Márcio Cotrim, a verba de Cr\$ 39 milhões para a reforma do Teatro Nacional — onde está previsto levantamento de uma parede com revestimento acústico entre a Alberto Nepomuceno e a Villa-Lobos — já foi solicitada ao governo através da Secretaria do Desenvolvimento Urbano, mas não há prazo para liberação. “Não há outro jeito senão esperar”, diz Cotrim. Pior para o teatro de Brasília.

Villa-Lobos: acústica comprovadamente ruim

Os problemas de acústica do Teatro Nacional não se resumem, infelizmente, ao vazamento de som entre as salas Alberto Nepomuceno e Villa-Lobos. A sonoridade não é boa, há uma sensação de abafamento causada pelo excesso de tecido nas poltronas, chão e paredes do teatro, o som não se espalha, não há ressonância, enfim, não são poucas as deficiências.

O projeto acústico, concebido por Igor Sresnewski junto com o arquiteto Milton Ramos, em 1975, encontrou dificuldades em sua realização. Quem conta é o russo Sresnewski: “O projeto estava muito bom, até que o doutor Oscar Niemeyer voltou de Paris e resolveu modificar tudo de última hora. Não houve tempo para as adaptações, e hoje eu considero a acústica do Teatro Nacional bastante falha. É uma pena, porque fiz projetos acústicos para mais 50 teatros e outros 180 auditórios que funcionam perfeitamente bem”.

Invasão — Igor Sresnewski conta que Oscar Niemeyer ficou inclusive chateado porque queria que, ao invés da parede dupla, apenas uma cortina dividisse as salas Martins Penna e Villa-Lobos. “Nós mostramos a ele que era impossível, porque neste caso não haveria vazamento, e sim uma invasão de som de uma sala para outra”, lembra. O técnico russo chegou a ser contactado, há cerca de dois anos, pelo maestro Cláudio Santoro (morto no ano passado), para fazer as adaptações necessárias, mas a idéia não vingou.

Apesar disso, Sresnewski continua interessado em melhorar a acústica do Teatro Nacional. “Eu me proponho a fazer o projeto de graça, desde que me paguem a passagem aérea”, diz. Segundo o técnico, é preciso que os problemas sejam resolvidos “de uma só vez”. Mas ele reconhece que há um obstáculo a enfrentar: a resistência do arquiteto Oscar Niemeyer. “Ele não gosta que modifiquem nada”, afirma Sresnewski. “É um homem muito preponderante”. Seria mesmo **preponderante** a palavra que o russo gostaria de usar? (Cynara Menezes)